



INCLUIR E EDUCAR NOS CONTEXTOS DE INDISCIPLINA ESCOLAR

Vilma Souza da Gama¹

RESUMO

A questão da indisciplina na escola esteve por muito tempo centrada no aluno e nos problemas que o estudante trazia para o espaço escolar. Os resultados de um comportamento destoante do esperado eram vistos como algo que precisava ser punido, freado e corrigido. Com o passar dos anos, as reflexões no campo educativo amadureceram e começaram a fortemente a reconhecer que fatores externos precisam compor a rotina de trabalho da escola a fim de que, em conjunto, se possa assegurar ao estudante com comportamento indisciplinado uma visão global de suas relações sociais. Dessa forma, este estudo almeja compreender o universo que cerca o quadro de indisciplina da escola a fim de descortinar cenários que influenciam no comportamento dos estudantes. Logo, por meio de análises qualitativas que recaem sobre dados bibliográficos, foi possível perceber que os profissionais de educação precisam encarar a indisciplina como uma resposta a um problema que extrapola o próprio sujeito e visioná-la como um pedido de ajuda, cabendo à escola um olhar multidisciplinar para assegurar um atendimento pedagógico aos estudantes.

Palavras-chave: Educação Básica; Indisciplina; Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

For a long time, the issue of indiscipline in school was centered on the student and the problems that the student brought to the school environment. The results of behavior that was out of line with expectations were seen as something that needed to be punished, stopped, and corrected. Over the years, the reflections in the educational field have matured and have begun to strongly recognize that external factors need to compose the school's work routine so that, together, students with undisciplined behavior can be assured of a global view of their social relationships. Thus, this study aims to understand the universe that surrounds the school's indiscipline in order to unveil scenarios that influence students' behavior. Therefore, through qualitative analyses that fall on bibliographic data, it was possible to perceive that education professionals need to face indiscipline as a response to a problem that goes beyond the subject himself and see it as a request for help, with the school having a multidisciplinary look to ensure pedagogical service to students.

Keywords: Basic Education; Indiscipline; Pedagogical Practices.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana do Paraguai; Especialização em Especialização em Metodologia de Ensino e Pesquisa pela Faculdade Católica de Anápolis, Brasil(2013) - Professora efetiva do Colégio Municipal João Cursino Ribeiro , Brasil



INTRODUÇÃO

A educação é um dos pilares da sociedade, é um dos principais promotores de mudanças sociais, que vem passando por uma série de transformações baseadas na busca por uma sociedade melhor. O seu conteúdo curricular e avaliação foram estruturados de forma a melhorar o seu impacto não só a nível local, mas a nível global. Especialmente num país como o Brasil que precisa e procura fazer da vida quotidiana a paz, a coexistência pacífica, a tolerância e a aceitação dos outros como interlocutores válidos.

Nas escolas, são evidentes múltiplos comportamentos nos alunos que vão de encontro a um ambiente que facilita a transmissão e assimilação de atitudes e valores. Tal cenário gera impactos na formação pessoal e social dos alunos. Isso, dentro da escola, intramuros, influencia negativamente na convivência escolar e no desempenho académico.

Para Dayan (2012), os antivalores ou atitudes negativas nas comunidades educativas manifestam-se em diversas situações e repetidamente. O que foi dito acima poderia responder ao fato de que a sociedade contemporânea vive imersa numa grave crise de valores. Estamos imersos numa espiral de violência, consumismo, discriminação, desigualdade, competitividade.

Todos esses antivalores agravam a fragilidade do comportamento ético, axiológico e social. Adicionalmente, Garcia (1999) acrescenta que os antivalores sociais são a oposição e/ou negação das relações pessoais ou institucionais em qualquer uma das suas modalidades: inimizade, guerra, individualismo.

Nesta ordem de ideias, surge o interesse em abordar os processos de aprendizagem e convivência considerando as seguintes questões: Como melhorar a convivência escolar nas instituições?; O que resulta de uma educação em prol da pacífica convivência? Que estratégias didáticas poderiam ser utilizadas para fortalecer os valores nas instituições? e Como as estratégias pedagógicas poderiam promover diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo para contribuir para o fortalecimento dos valores em virtude da melhoria da convivência nas instituições públicas?

É por esta razão que foi feita uma revisão das concepções teóricas a fim de buscar ações para fortalecer o desenvolvimento cognitivo dos alunos em prol da convivência escolar através da importância da prática de valores que reflitam



sobre a sua responsabilidade, autonomia e respeito em benefício da comunidade escolar. Assim, a necessidade de transmitir valores aos alunos não é apenas uma necessidade unidirecional, já que a educação em valores desenvolve e fortalece: o sentimento de solidariedade, a justiça, o respeito pelo próximo, o sentido de responsabilidade, a defesa da paz, a conservação do ambiente, a identidade e a dignidade cultural das pessoas, a estima pelo trabalho, ou seja, isso só acontece com eles e os beneficia. Dessa forma, este estudo tem a meta de compreender o universo que cerca o quadro de indisciplina da escola a fim de des-cortinar cenários que influenciam no comportamento dos estudantes.

VALORES E EDUCAÇÃO

Os valores são um conjunto de conhecimentos processuais; apoiados em processos, que se constroem a partir da individualidade (subjetividade individual); desta perspectiva particular, para responder a um processo individual. No entanto, esta subjetividade deve responder às verdades sociais coletivas que permitem a não individualização da expressão moral.

Logo, os valores não são definidos por um processo de compreensão, assim sendo, não são expressão direta de um discurso que é assimilado, mas sim resultado de uma experiência individual, baseada nas situações e contradições que a pessoa apresenta no processo de compreensão e socialização, da qual derivam necessidades que se transformam em valores pelas formas individuais como são assumidas e desenvolvidas no próprio processo (LIMA, 2009).

A gênese dos valores sugere a reformulação constante e contextual da expressão social, civil e normativa. Estes resultam de construções pessoais que determinam o comportamento que serve de base às ideias, sentimentos e ações de cada indivíduo. Estes valores são subsumidos ou criados no quadro da relação com os outros e têm a virtude de serem dinâmicos e mutáveis ao longo do tempo (WATSON; WILLIAMS, 2018).

Deste modo, sugere-se também que os valores têm a característica de agregar às transformações sociais a partir daquelas realidades epistemológicas resultantes da leitura social nas mãos da pedagogia. Para começar a abordar o problema a partir dos contextos locais, é necessário começar pelo contexto



histórico que dá origem ao papel da convivência escolar como pilar para melhorar os ambientes educativos de aprendizagem.

Desde a antiguidade, filósofos como Zenão de Cítio, Platão, Trasímaco, Aristóteles, Sócrates, Pitágoras e Pré-socráticos (500 a.C.) estudaram o homem e sua interação com o mundo a partir da busca fundamentada da verdade para uma convivência saudável (SÁNCHEZ, 2005). Logo, uma convivência saudável implica assumir certos hábitos, costumes, tradições, leis, normas, princípios, cultura e valores aos quais é necessário não apenas nos submeter, mas assumi-los com responsabilidade, de tal forma que se tornem os princípios norteadores que direcionam nossas vidas não apenas como pessoas, mas como membros de uma comunidade.

O que foi dito acima envolve a busca do bem (aumento de valores) em detrimento do mal (a ignorância como atitude negativa, ato imoral ou antivalor) para o benefício da humanidade. Hoje, para compreender e responder às divergências globais. É assim que é, e para estes tempos, a partir deste problema, nasce a educação para os direitos humanos.

CONTEXTO HISTÓRICO

O exposto surge do movimento da Escola Nova cujos princípios fundamentais são a liberdade, a autonomia, a dignidade, o valor da infância e as funções da escola diante das novas exigências da vida social. Esta iniciativa surgiu durante a Primeira Guerra Mundial: 1914-1918; (DÍAZ; GUTIÉRREZ, 2019). A partir do ambiente escolar, esta proposta seria a gênese da transmissão de valores de convivência e de educação para a paz, o respeito pelo próximo, a coesão social, a cooperação e a solidariedade entre os povos.

Este último faz sentido tendo em conta as necessidades ou requisitos globais para apoiar a paz mundial após o fim do conflito resultante da Segunda Guerra Mundial (1939). A criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 1945, através da proposta das Escolas Associadas, visam responder às necessidades globais mediadas pela pedagogia e dos ambientes escolares para alcançar essa compreensão internacional. do cultural e social. Na verdade, Alves (2018) explica que existem quatro momentos históricos no



desenvolvimento da educação para a paz chamados “ondas”. A primeira onda faz parte do desenvolvimento da chamada Escola Nova. Segundo Cambi (1999, p. 528:

[...] a escola deve organizar-se ‘sob medida’, para a criança, deve respeitar a natureza e satisfazer suas necessidades, organizando também processos de aprendizagem capazes de serem individualizados, pela oferta de uma série de opções de atividades, entre as quais a criança pode escolher livremente (CAMBI, 1999, p. 528).

A segunda é o nascimento e o subsequente desenvolvimento da UNESCO. A terceira onda é caracterizada pelas inestimáveis contribuições da não-violência, e a última corresponderia ao que o autor chama de pesquisa para a paz. Nesse sentido, a convivência escolar torna-se um microcontexto para responder; não apenas às necessidades intramuros, mas também às necessidades sociais resultantes da falta de valores, da aceitação da individualidade dentro de uma comunidade para evitar qualquer tipo de violência.

Assim, e para evitar ao máximo qualquer tipo de violência (física ou psicológica), o clima escolar deve responder favoravelmente às percepções e atitudes que alunos, professores, pais e encarregados de educação têm no que diz respeito à presença de uma pessoa respeitosa. Então, a liberdade, a justiça, a democracia, a tolerância e a solidariedade são essenciais para uma convivência escolar saudável.

A QUESTÃO DA INDISCIPLINA

A indisciplina escolar por parte dos alunos é um problema que afeta não apenas o ambiente escolar, mas também o processo de ensino e aprendizagem, configurando-se como “[...] um dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo” (DAYAN, 2012, p. 9). Comportamentos disruptivos, como desrespeito aos professores, brigas entre alunos, uso inadequado de celulares e atrasos frequentes, criam um ambiente de tensão e interferem diretamente na qualidade da educação oferecida. De acordo com o Relatório do PISA, “[...] as salas de aula brasileiras são mais indisciplinadas do que a média de outros 66 países avaliados” (OECD, 2019, p. 10). Em paralelo, é primal se compreender que:



[...] esse conceito se articula a noção de ruptura e negação de esquemas norteadores e reguladores na escola. Entendemos a noção de indisciplina como relativa, fundamentalmente, a rupturas relacionadas às esferas pedagógica e normativa da escola. As expressões de indisciplina comumente refletem transgressões a parâmetros e esquemas de regulação da escola, e podem ser pensadas como formas de ruptura no contrato social subjacente às relações e intenções pedagógicas na escola, cujo eixo seria o processo de ensino-aprendizagem (GARCIA, 2006, p. 126).

Um dos principais impactos da indisciplina é a dificuldade em manter a ordem e o foco em sala de aula. Professores se veem constantemente interrompidos por comportamentos inadequados, o que prejudica a concentração dos demais alunos e compromete o desenvolvimento das atividades pedagógicas, ou seja, “[...] ao professor é exigido que lhe dê a melhor resposta de carácter pedagógico” (AMADO, 2001, p. 1). Além disso, a falta de respeito e cooperação por parte dos alunos gera um clima negativo, desestimulando o interesse pela escola e pelo aprendizado (ESTRELA, 1992). Nesse ponto, cabe citar que:

Uma das formas mais tradicionais de controle e disciplinamento instituído pelas escolas são os chamados “Livros de Ocorrências” ou “Livro Preto”. Este mecanismo já recebeu várias denominações (Livro de Penalidades de Alunos, Termo de Censura, Livro de Sanções, entre outros), mas com o mesmo objetivo: o cumprimento das normas das escolas pelos alunos, professores e funcionários (FONSECA; RODRIGUES; ANTONIO, 2012, p. 753).

Outra consequência da indisciplina é o comprometimento do relacionamento entre os alunos e os professores. O desrespeito e a falta de cooperação geram conflitos constantes, dificultando a construção de uma relação de confiança e respeito mútuo. Isso pode levar a um ciclo vicioso, no qual a falta de disciplina gera mais conflitos, tornando ainda mais difícil a criação de um ambiente propício ao aprendizado (LEDO, 2009). Logo, esses indicativos são negativos, porque, seguindo Vinha e Tognetta (2006, p. 14-15):



[...] o professor precisa conhecer bem como seu aluno desenvolve-se e aprende para que realmente o auxilie nesse processo, adequando o ambiente escolar de forma a respeitar essas características infantis, e não fazer exigências desnecessárias e mesmo absurdas como ocorre cotidianamente. Ao invés de utilizar procedimentos temporários da educação para o presente, que leva o sujeito a conformar-se com as normas, devido às manipulações feitas pelos adultos, como o poder da autoridade o uso de recompensas (notas altas, pontos positivos, considerações especiais, elogios, etc.) e de punições (notas baixas, advertências, castigos, ameaças, etc.), visando à formação de pessoas autônomas, faz-se necessário que a apropriação das normas seja por meio da reflexão, discussão e ação, permitindo à criança perceber as consequências naturais decorrentes de suas atitudes (reciprocidade) (VINHA; TOGNETTA, 2006, p. 14-15).

Além disso, a indisciplina escolar também pode ter impactos negativos no desempenho acadêmico dos alunos. A falta de foco e de envolvimento nas atividades escolares pode levar a um baixo rendimento escolar, comprometendo as oportunidades futuras dos alunos (BELÉM, 2008). Ademais:

[...] o comportamento indisciplinado pode estar revelando os conflitos velados da instituição e, mais que isso, pode estar indicando a insatisfação com uma escola, que dia a dia torna-se cada vez mais anacrônica e incompetente para cumprir sua função social (BOARINI, p. 128, 2013).

Diante desse cenário, é fundamental que as escolas adotem medidas eficazes para lidar com a indisciplina escolar. Isso inclui a implementação de regras claras e justas, o estabelecimento de uma relação de respeito e colaboração entre alunos e professores, e o oferecimento de apoio aos alunos que apresentem comportamentos disruptivos, buscando identificar e tratar as causas subjacentes a esses comportamentos. A educação para a cidadania e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais também são importantes para promover uma cultura escolar baseada no respeito, na cooperação e na responsabilidade mútua.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de intervir nos currículos que estimulem nos alunos mecanismos que estejam relacionados com o seu contexto traduz-se para que a aprendizagem se transforme na capacidade de compreensão, de pensamento flexível, de expressão, bem como de soluções criativas para os problemas do cotidiano, através de atividades propositais para a transmissão de valores que visam melhorar a convivência escolar. Isto envolve a integração didática de conceitos onde os processos cognitivo-emocionais contribuem para a estruturação de um pensamento flexível, para que o aluno possa se adaptar melhor a um mundo em mudança e dar sentido às relações mais humanas. Assim, o aluno é compreendido como um ser contextual, imerso em uma rede de relações.

A gênese dos valores sugere a reformulação constante e contextual da expressão social e normativa. Estas resultam de construções pessoais que determinam os comportamentos que servem de base às ideias, sentimentos e ações de cada indivíduo. Estes valores são integrados ou criados no âmbito da relação com os outros e têm a virtude de serem dinâmicos e mutáveis ao longo do tempo (WATSON; WILLIAMS, 2018).

Assim sendo, sugere-se também que os valores têm a característica de agregar às transformações sociais a partir daquelas realidades epistemológicas resultantes da leitura social nas mãos da pedagogia. A educação em valores ou a transmissão de valores (respeito, autonomia e responsabilidade) como componentes essenciais para uma convivência escolar saudável. Na verdade, necessidade de uma educação em valores de forma específica, há dois problemas que o educador deve assumir: que valores e atitudes podem e devem estar contidos na educação e através de que técnicas e estratégias se pretendem ser transmitido (PARRA, 2003).

Nas pesquisas nacionais, ficam evidentes variáveis que se correlacionam entre si. Estas incluem o papel das estratégias pedagógicas e didáticas para a implementação e apoio contextual das competências cidadãos, somadas à importância de contar com uma infraestrutura que facilite o desenvolvimento destas propostas estratégicas. Nesse sentido, estas investigações reconhecem o papel relevante do fator escolar e educativo; onde, os professores e a instituição de



ensino, da gestão; mediar o desenvolvimento de uma convivência escolar favorável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luís Alberto Marques. República e educação: dos princípios da escola nova ao manifesto dos pioneiros da educação. **História: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 11, 2018.

BELÉM, R. C. **Representações sociais sobre indisciplina escolar no ensino médio**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

BOARINI, Maria Lúcia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. v.17, n. 1, p. 123-131, jan./jun., 2013.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1999.

DÍAZ, Alexis; GUTIÉRREZ, N. **Historia y evolución de la Escuela Nueva como modelo educativo**. 45(45), 95-98, 2019.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto Editora, 1992.

FONSECA, Débora Cristina; RODRIGUES, Miriam C. B.; ANTONIO, Sérgio Luiz Estima. Violência e (in)disciplina: os “Livros de Ocorrências” escolar em análise. In: **ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO** – UNICAMP, 16., Campinas, SP., 2012. Anais do [...], Campinas, SP: Junqueira & Marin, 2012 - Livro 1. p.753-764.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de desenvolvimento**, n. 95, p. 101-108, 1999.



GARCIA, Joe. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 124-132, dez. 2006.

LEDO, V. A. **A indisciplina escolar nas pesquisas acadêmicas**. Dissertação de Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LIMA, Paulo Gomes. Indisciplina na escola. **Educere et Educare, Cascavel**, v. 4, n. 8, p. 323-327, 2009.

OECD. **Creating effective teaching and learning environments**: first results from TALIS. Paris, 2019.

PARRA, J. La educación en valores y su práctica en el aula. **Tendencias Pedagógicas**, 8(8), 69-88, 2003.

SÁNCHEZ, A. Instituto Superior de Ciencias Médicas “Carlos J. Finlay”. Artículo Análisis filosófico del concepto valor. **Philosophical analysis of values**, 2005.

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina. A prática de regras na escola: ambiente autocrático x ambiente democrático. **Educação Unisinos**, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos; v.10 n.1 p.45-55, jan./abr. 2006.

WATSON, Eliza; WILLIAMS, B. **Práctica de valores como estrategia de transformación de la convivencia escolar y la formación de gestores de paz**. 1-23, 2018.